

O abuso sexual contra crianças e adolescentes nas páginas do Correio Braziliense: uma análise quantitativa¹

Aldenora Moraes de Oliveira PAULA²
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Nosso objetivo é investigar a abordagem do Correio Braziliense acerca do abuso sexual infantojuvenil por meio da Análise de Conteúdo. O presente estudo tem como base amostral os textos jornalísticos publicados entre 1º de janeiro a 30 de junho de 2010, período em que foi realizado um monitoramento diário do veículo. Observamos a frequência de ocorrência do tema, quais os gêneros jornalísticos utilizados na cobertura jornalística, em quais editoriais este tópico é recorrente e quais os recursos gráficos utilizados pelo veículo. Durante o período pesquisado, foram veiculados 221 textos jornalísticos. Embora, os números indiquem uma grande quantidade de textos publicados, um olhar retrospectivo apurado revela, que o CB publicou matérias impulsionado por eventos ocasionais, o que provocou alterações na abordagem do tema investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Impresso; Abuso sexual de crianças e adolescentes, Análise de Conteúdo.

No Brasil, a violência contra a criança e o adolescente e as graves negligências que elas vivenciam despertam a atenção de um público cada vez mais amplo. O círculo vicioso, o silêncio, os equívocos na representação dos abusos são fatos que evidenciam a amplitude desse problema e dificultam sua prevenção e enfrentamento.

Uma dificuldade para os pesquisadores é a própria conceituação dos abusos, já que envolve fatores de natureza social e cultural. Para este artigo será considerada a definição da socióloga Marlene Vaz, que distingue as categorias de violência sexual – abuso e exploração sexual (crianças e adolescentes prostituídos) – porque as causas, a abordagem e a forma de atendimento se diferenciam nos dois casos:

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela em Jornalismo. Licenciada em Letras. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília, email: aldenora-moraes@uol.com.br.

Abuso sexual – situação em que o adulto submete a criança ou o adolescente, com ou sem seu consentimento, a atos ou jogos sexuais com a finalidade de estimular-se ou satisfazer-se, impondo-se pela força física, pela ameaça ou pela sedução, com palavras ou com a oferta de presentes.

Exploração sexual – ato ou jogo sexual em que a criança ou o adolescente é utilizado para fins comerciais por meio de relação sexual, indução à participação em shows eróticos, fotografias, filmes pornográficos e prostituição. (VIVARTA et al., 2003, p. 27).

Todavia, mesmo esse conceito também tem suas limitações. Cabe complementar esse conceito de acordo com o proposto por Sanderson:

Os abusos podem envolver contato físico, incluindo atos penetrantes e atos não penetrantes. Pode incluir atividades sem contato, tais como levar a criança ou o jovem a olhar ou a produzir material pornográfico ou a assistir a atividades sexuais ou encorajá-lo a comportar-se de maneiras sexualmente inapropriadas. (2005, p. 5).

No Brasil, o artigo 2º, da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, mais comumente denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera criança, para os efeitos dessa Lei “a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Ressaltamos que o tema não é apenas uma preocupação da sociedade contemporânea. Segundo a historiadora Mary del Priore (2011), a violência sexual contra crianças e adolescentes não é recente. Desde as primeiras visitas do Santo Ofício ao Brasil, no século XVI, inquisidores assinalavam o estupro de crianças. Entretanto, foram necessários vários séculos até que, em meados dos anos 1980, com a publicação da Carta Magna, crianças e adolescentes fossem reconhecidos como sujeitos plenos de direitos no Brasil.

O Correio Braziliense

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, muito se tem discutido acerca do papel do jornal na contemporaneidade. Não são raras as vozes que se levantam para questionar a existência da imprensa. O romancista Milan Kundera no ensaio *A herança depreciada de Cervantes* enfatiza:

Basta folhear os semanários políticos americanos ou europeus, tanto os da esquerda como os da direita, do *Time* ao *Spiegel*: todos eles possuem a mesma visão da vida que se reflete na mesma ordem segundo a qual seu sumário é composto, nas mesmas rubricas, nas mesmas formas jornalísticas, no mesmo vocabulário e no mesmo estilo, nos mesmos gostos artísticos e na mesma hierarquia do que eles acham importante e do que acham insignificante. Esse espírito comum da mídia, dissimulado sob a diversidade política, é o espírito do nosso tempo. (1986, p. 21).

Críticas à similaridade dos conteúdos veiculados pelos jornais, aliada às reformulações de conceitos como o espaço público e privado e, conseqüentemente, o conceito do que é notícia e do que deve ser informado ao público têm sido constantes na contemporaneidade.

Há aqueles que profetizam a substituição do veículo impresso de qualidade ou de referência pelas edições popularescas. No Brasil, dados do IVC de 2011 revelam, por exemplo, que o jornal *Super Notícia*³ é o veículo impresso de maior circulação do país.

Entretanto, cabe ressaltar que não é, necessariamente, a tiragem que mede a prosperidade dos jornais. Para Juarez Bahia (2009, p. 252), “[...] os veículos *quality* ou de referência não precisam ser os de maior circulação e podem ter menos tiragem que outros na faixa popular”. Contudo, precisam ter mais penetração, o que equivale a um público categorizado:

[...] a batalha pelas tiragens, que no passado recente do jornalismo se configurava na corrida louca ao número mais alto, restringe-se a jornais e revistas populares que baseiam seu lucro praticamente na venda avulsa. Para os veículos de qualidade, a sua natureza é outra – é uma estratégia que se localiza nos cérebros de alguns executivos e não na pilha entregue ao jornaleiro”. (BAHIA, 2009, p. 253).

Constata-se que os veículos terão que se reinventar a fim de garantirem seu lugar em meio às edições digitais e outros produtos midiáticos. Para Meyer (2007, p. 214), deve-se tentar construir um novo modelo de negócios para o jornal. “Quem trabalhou em jornal nos bons tempos, várias vezes deseja voltar à era de ouro do jornalismo. Mas ela acabou. O mundo seguiu em frente enquanto pensávamos em outras coisas”.

Meyer (2007, p. 257) destaca que atender a públicos segmentados é uma estratégia eficiente. “Os exemplos incluem o zoneamento geográfico, editorias especiais, edições em língua estrangeira e outros produtos com periodicidade não-diária dirigidos a nichos de

³ Jornal popularesco em formato tablóide publicado desde o início de 2002, em Belo Horizonte. Teve circulação de 295.701 exemplares por dia em 2010. É vendido ao preço popular de R\$ 0,25.

público”. Para o pesquisador, o jornalismo de alta qualidade ainda é economicamente viável, mas não é mais tão lucrativo. A questão não é manter a antiga lucratividade. “Isso não pode ser feito de modo sustentável. O real problema é se ajustar ao nível de lucratividade normal para mercados competitivos” (MEYER, 2007, p. 258).

Dessa forma, outras questões, além, das mudanças tecnológicas, influenciarão no futuro do jornal impresso. O fato, entretanto, é que a mídia impressa continua a exercer impacto social no mundo contemporâneo.

No caso do Correio Braziliense⁴, por exemplo, que foi escolhido como fonte dessa pesquisa, mantém circulação média de 56,2 mil exemplares de segunda a domingo, o que o torna o jornal com maior cobertura no Distrito Federal.⁵ De acordo com LII Estudos Marplan de julho de 2009 a junho de 2010, o veículo conta com 749 mil leitores. Com 4 cadernos, 10 suplementos e 1 revista, além de diversos projetos especiais.

A marca Correio Braziliense é uma referência ao jornal lançado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça em Londres, de 1808 a 1822. O veículo era denominado *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário* e não podia ser editado no Brasil, uma vez que defendia a independência do Brasil e a família real já se instalara no país.

Inicialmente, o brasiliense do título do jornal é sinônimo de brasileiro, para acentuar o espírito de patriotismo que norteava a publicação. As edições chegavam ao solo brasileiro depois de meses de publicação. Segundo Bahia (2009, p. 32), “[...] o jornal é proibido, apreendido, censurado, processado. Não só no Brasil. Em Portugal, a leitura do Correio Braziliense é violação da lei. A administração do Reino edita avisos e mobiliza a polícia para impedir a sua circulação”. Com a Independência do Brasil em 1822, Hipólito José da Costa acredita que sua missão foi cumprida e o jornal é fechado.

Mais de um século depois, o CB teve o título resgatado por Assis Chateaubriand e passa a circular em Brasília a partir de 21 de abril de 1960. Segundo Noblat (2002, p. 143), no início de 1994, o CB vendia no Distrito Federal uma média diária de 33 mil exemplares contra menos de sete mil do seu principal concorrente, na época, o *Jornal de Brasília*. De cada 100 pessoas que diziam ler jornais de quatro a cinco vezes por semana, 85 só liam o CB.

Entretanto, dados atualizados comprovam que o veículo tem 48% de participação no mercado como um todo. Como 66% dos leitores pertence às classes A e B, o jornal tem

⁴ A partir daqui será denominado como CB.

⁵ De acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), média de janeiro a outubro de 2010.

86% de participação no mercado de circulação no DF, entre os jornais considerados *premium*: *Folha de São Paulo*, *O Globo* e o *Estado de São Paulo*.

O CB tem buscado reformulações a fim de se adaptar às exigências atuais. O mais recente projeto gráfico e editorial foi apresentado em 21 de junho de 2009. De acordo com o jornalista Ricardo Noblat, o veículo apresentou reformulações em seu projeto gráfico e editorial nos anos de 1994, 1996 e 2000.

Segundo o *Manual de Redação e Estilo* (2005), do Grupo Diários Associados ao qual pertence o CB, reforma gráfica e editorial realizada em 1996 lhe valeu mais de 40 prêmios. Entre eles, um Esso nacional, o *Marketing Best*, o Ayrton Senna e o *World's Best Designed Newspapers*, que incluiu o CB entre os 17 jornais mais bem desenhados do mundo.

A partir de 1996, as mudanças contemplam também outros aspectos do jornal. O furo, antes tão perseguido pelos veículos foi destinado praticamente às publicações digitais. Noblat descreve essa inovação ocorrida em 1996: “O Correio web é o **Correio Braziliense** na internet. Lugar de furo é no Correio web – salvo os furos que possam ser guardados para a edição seguinte” (2002, p. 153).

Análise dos dados

A análise quantitativa da abordagem do abuso sexual de crianças e adolescentes pelo Correio Braziliense corresponde a uma parte da dissertação que originou este artigo⁶. Embora na dissertação tenhamos utilizado como principal metodologia a Análise de Discurso, este trabalho restringe-se aos dados quantitativos encontrados durante a investigação.

Partimos da conceituação de Laurence Bardin para compreender a Análise de Conteúdo:

⁶ A pesquisa foi realizada pela mestranda Aldenora Moraes de Oliveira Paula, estudante do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Brasília, no período de 2010 a 2012, com a orientação da prof^a Dr^a Liliane Maria Macedo Machado. O trabalho foi apresentado em março de 2012. PAULA, Aldenora Moraes de Oliveira. Discurso, mídia, representação: a abordagem do Correio Braziliense sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes. Brasília, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Católica de Brasília.

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (2009, p. 44).

A pesquisadora ressalta que não se trata de mero instrumento, mas de um único instrumento marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto. O contexto histórico do surgimento desse instrumento de análise evidencia que a interpretação era um anseio desde tempos imemoriais:

Entretanto, no início do século XX, motivado pelo rigor científico em voga na época, a análise de conteúdo teve um grande desenvolvimento nos Estados Unidos. Um dos principais materiais analisados era jornalístico. Com o advento da Primeira Guerra Mundial a análise é ampliada e surgem diversos estudos sobre a propaganda.

O estadunidense Harold Dwight Lasswell é um dos pioneiros na história da análise de conteúdo e realizou diversos estudos sobre a imprensa e a propaganda desde 1915.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os departamentos de ciências políticas ocuparam um lugar de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo nos Estados Unidos. Segundo Bardin (2009, p. 18), durante este período, 25% dos estudos empíricos eram relativos à investigação política.

Todavia, no período imediatamente posterior à 2ª Guerra houve um desinteresse pela análise de conteúdo. A ampliação e as mudanças na técnica de investigação fizeram com que houvesse um novo interesse. A análise de conteúdo já não era considerada exclusivamente com um alcance descritivo e a inferência passou a ser valorizada.

Para analisar alguns dados relevantes na pesquisa acerca da abordagem do abuso sexual de crianças e adolescentes, doravante ASCA, no CB utilizamos, em sua maioria, técnicas que destaquem o tema e a frequência de determinadas ocorrências. Ressalte-se que empregamos o método de maneira modesta.

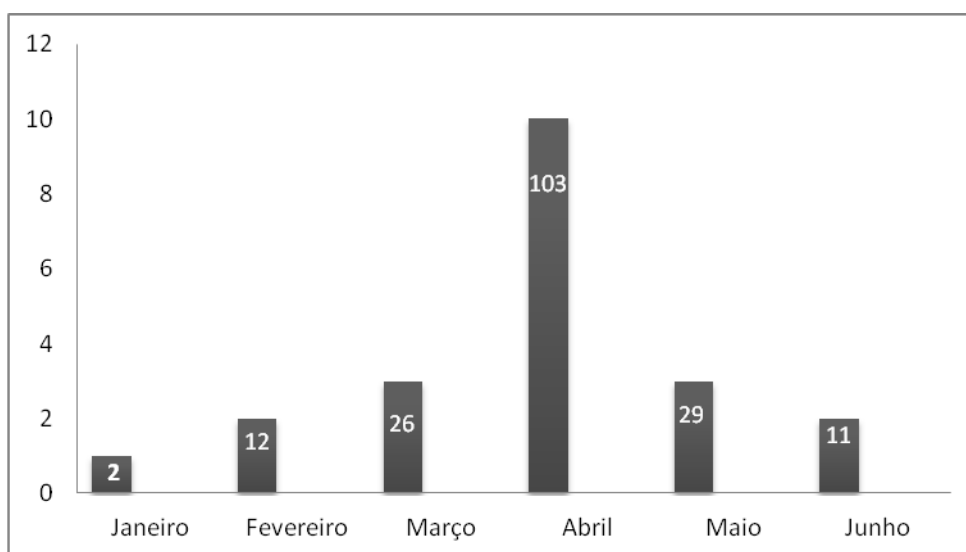
De acordo com Bardin (2009, p. 122), a constituição do corpus empírico implica em escolhas, seleções e regras. Uma das regras corresponde à exaustividade, segundo a qual é preciso ter em conta todos os elementos desse corpus. Ou seja, não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão que não possa ser justificável no plano do rigor.

A partir dessa perspectiva, analisamos os dados sistematicamente coletados, no período de 1º de janeiro de 2010 a 30 de junho de 2010. Contudo, é necessário que

explicitemos de que maneira chegamos a esse corpus. A proposta inicial era a de pesquisar o veículo por três meses, de 1º de janeiro a 30 de março de 2010. Todavia, ao término dos primeiros meses, percebemos que havia um movimento crescente na publicação de notícias sobre o tema. Tal fenômeno poderia originar uma distorção na análise, pois era relacionado à cobertura de dois casos específicos que eclodiram exatamente nessa época⁷.

Nesse sentido, a pesquisa foi ampliada e passou a abranger os jornais até junho de 2010. Embora, os números indiquem uma grande quantidade de textos publicados (ver Gráfico 1), um olhar retrospectivo apurado revela que o CB publicou matérias impulsionado por eventos ocasionais que provocaram alterações em sua abordagem. Durante o período pesquisado foram veiculados 221 textos jornalísticos. Além de 18 chamadas de capa.

Gráfico 1 – Frequência de ocorrência das matérias sobre o ASCA no Correio Braziliense⁸



Para esta análise cada item foi codificado segundo os seguintes aspectos: a) Gênero opinativo ou informativo; b) Gênero jornalístico (nota, notícia, reportagem, artigo, editorial, chamada, cartas dos leitores, coluna...); c) Editoria, Caderno ou Revista (Opinião, Tecnologia, Cidades, Mundo, Brasil, Revista do Correio, Informática, Diversão & Arte,

⁷ Na dissertação, que originou este artigo, dois temas, excepcionalmente, tiveram grande repercussão na mídia durante o período pesquisado: os casos de abuso sexual ocorridos no âmbito da Igreja Católica e o caso que envolveu o assassinato de jovens em Luziânia, cidade localizada a 60km de Brasília.

⁸ Como na dissertação, somente os textos informativos foram analisados, houve a supressão dos textos opinativos publicados pelo veículo, especificamente, neste gráfico.

Direito & Justiça...); d) Localização no jornal (primeira página, páginas interiores); e) Foco da notícia (nacional ou internacional); f) Uso de recursos gráficos (intertítulo, foto, legenda, ilustração, box⁹, olho).

Lustosa (1996, p. 109) explica que a especialização do trabalho jornalístico é uma consequência lógica da divisão do trabalho nos veículos de comunicação. A exemplo do que ocorreu na produção industrial, nos anos 1960, houve a criação de editorias especializadas, encarregadas da cobertura jornalística de atividades ou setores específicos. Com a reorganização, desapareceu a figura do secretário de redação, que era uma espécie de faz e sabe-tudo. Ele foi substituído pelo editor-chefe, que passou a coordenar e supervisionar a produção editorial, delegando poderes e tarefas e controlando o desempenho dos diferentes setores da redação.

Ainda é Lustosa quem enfatiza que, com o regime militar imposto ao Brasil, houve um esvaziamento da esfera política nos jornais. Sendo assim, os jornalistas tiveram que trabalhar com temas específicos, principalmente, a economia. O quadro político também excluiu praticamente todas as informações sobre questões político-partidárias ou de temas relacionados a conflitos sociais.

Superada a ditadura militar, os jornais passaram a destinar espaços específicos para os assuntos econômicos, políticos, policiais, de cidade e outros.

O CB não possui uma editoria específica para casos policiais. As notícias sobre este tema figuram na editoria Mundo, Brasil ou no Caderno Cidades. Todavia, reiteram a máxima conhecida pelos jornalistas: *las buenas noticias, son las malas noticias*.

Com relação ao ASCA, os dados evidenciam a predominância dos textos informativos sobre o tema, cuja porcentagem é de 82% em relação aos 18% do gênero opinativo.

Foco da notícia e editorias

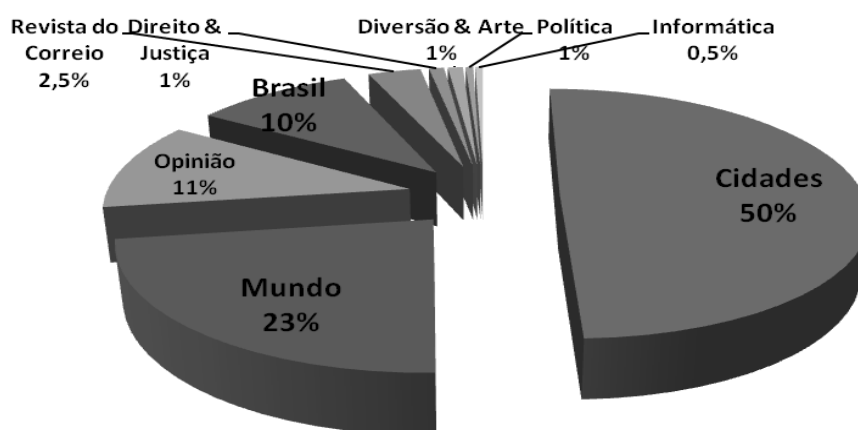
O gráfico 2 descreve a abordagem dos textos sobre violência sexual nas diversas editorias, cadernos e suplementos. Refere-se às seções do CB e indica que o ASCA figura em diversos Cadernos.

⁹ Bloco de palavras que se destaca do texto e título, servindo, geralmente, para salientar características [...] ou fornecer ao leitor informações adicionais sobre o mesmo. (ALMEIDA, 1987, p. 42).

A segmentação do veículo constitui cinco Cadernos e 11 suplementos. Como Cadernos temos: Primeiro Caderno (traz matérias sobre os temas: Política, Brasil, Economia, Mundo, Ciência e Saúde. Além desses, o Primeiro Caderno traz novos conteúdos como Tecnologia, Melhor Idade e Gastronomia). O CB conta também com mais quatro cadernos: Cidades; Super Esportes; Diversão & Arte e Classificados.

Os suplementos são: Direito e Justiça; Eu, estudante; Eu, concurseiro; Informática; Turismo; Veículos; Divirta-se; Super!; Revista do Correio; Trabalho & Formação Profissional e TV.

Gráfico 2 – Editorias, Cadernos e Suplementos que veicularam o tema



Em nossa análise constata-se que o tema não está restrito ao caderno Cidades (ver Gráfico 2) e também foi abordado em editorias como Brasil, Mundo e Opinião. Quanto à aparição em cadernos como Diversão & Arte e a Revista do CB, destaca-se que o assunto foi discutido pelas cronistas Conceição Freitas, Maria Paula e Elisa Lucinda em três momentos distintos.

A princípio, imaginávamos que o tema seria abordado somente no caderno Cidades. Para Lustosa (1996, p. 141), “[...] esta editoria, assim como a editoria nacional, é “a clínica geral” da redação”. O autor enfatiza que este formato aborda todos os assuntos. Praticamente, tudo o que não for de uma editoria especializada.

A editoria nacional, intitulada como Brasil, no CB, é também descrita como “[...] aquela que não cabe nos espaços das editorias especializadas e tem valor informativo suficiente para ser publicada” (LUSTOSA, 1996, p.135).

A partir dessas constatações acerca dos gêneros que dedicam maior espaço ao ASCA, podemos inferir que é necessário o reconhecimento da importância do fenômeno para que a abordagem possa ser realizada de maneira a ocupar espaço privilegiado no jornal impresso.

O gráfico também indica que, no período investigado, as matérias sobre violência sexual contra crianças e adolescentes pertenciam à editoria Mundo. Contudo, cabe ressaltar que se extrairmos os textos sobre o ASCA relacionados aos casos de abuso na Igreja, relatos que tiveram grande repercussão no período investigado, resta apenas uma nota publicada no dia 24 de fevereiro sobre um médico acusado de abusar de seus pacientes. Dessa forma, cabe ressaltar que o CB praticamente não veicula notícias sobre a violência sexual em outros países.

Gêneros jornalísticos

Para Charaudeau, a noção de gênero vem sendo bastante debatida já há algum tempo e se refere a aspectos da realidade linguageira bastante diferentes uns dos outros. “Originária da retórica antiga e clássica, utilizada pela análise literária com múltiplos critérios, retomada pela linguística do discurso a propósito de textos não literários, essa noção também está presente nas mídias” (2010, p. 203).

Machado enfatiza que não se trata apenas de mera tipologia:

Os gêneros não são meras técnicas narrativas. Eles têm função múltipla, como a cognitiva, que facilita tanto a tarefa do emissor quanto a do receptor. Segundo Maingueneau, graças ao nosso conhecimento dos gêneros do discurso, não precisamos prestar uma atenção constante a todos os detalhes de todos os enunciados que correm à nossa volta. Em um instante somos capazes de identificar um dado enunciado. (2006, p. 64).

Nesta investigação lidamos, essencialmente com três gêneros jornalísticos: a nota, a notícia e a reportagem. Em alguns casos, também comentamos algumas entrevistas que acompanhavam notícias ou reportagens.

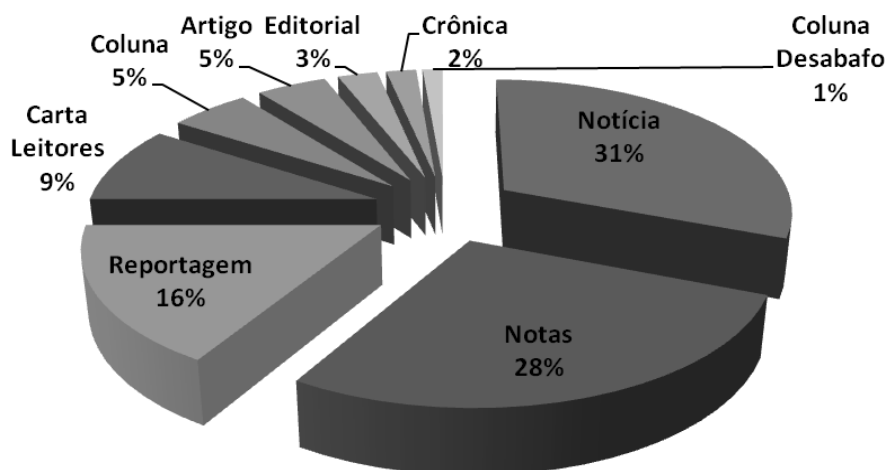
Cabe destacar que para este trabalho adotamos uma definição operacional para nota. Denominamos como nota os textos curtos, escritos em um parágrafo que divulgam algum fato de relevância noticiosa. Foram consideradas notícias os textos que relatam acontecimentos atuais, de interesse e importância para a sociedade (ALMEIDA, 1987, p.

207). As reportagens foram conceituadas como relatos mais amplos sobre assuntos relacionados ao fato.

Tal definição demonstra um dado relevante: 28% dos textos em relação aos demais gêneros encontrados são notas (ver Gráfico 3). Infere-se, portanto, que o abuso sexual de crianças e adolescentes, não necessariamente, ocupa um lugar de relevância na cobertura do CB.

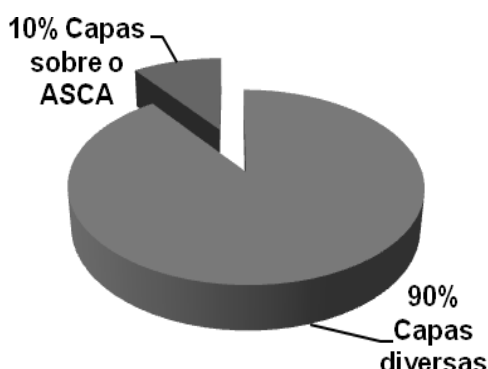
Esta assertiva corrobora a opinião de especialistas para quem a nota traz sempre um conteúdo de notícia, apresentando, inclusive, as mesmas categorias da notícia em outro formato, mais sintético, cumprindo a função de relatar um fato que é, socialmente, menos importante ou que ainda não eclodiu.

Gráfico 3 – Gêneros utilizados na abordagem do abuso sexual infantojuvenil pelo **Correio Braziliense**



Os formatos encontrados englobam a participação de leitores em espaços como a coluna interativa Desabafo e as Cartas dos leitores. Artigos, colunas, editoriais e crônicas escritos por jornalistas do veículo, editores e colaboradores.

Gráfico 4 – Capas do CB que noticiaram o abuso sexual infantojuvenil



Ainda sobre os gêneros encontrados, as chamadas de capa, “pequeno título ou resumo de uma matéria, geralmente publicado na primeira página de um jornal ou capa de revista, onde se encontra a matéria completa” (ALMEIDA, 1987, p. 63) corresponderam a 10% (ver Gráfico 4) de todas as capas veiculadas no período analisado.

Análise morfológica do Correio Braziliense

José Marques de Melo (1972, p. 100) utiliza a expressão análise morfológica de um jornal, “[...] quando se compara os elementos utilizados na composição gráfica do veículo impresso, ou seja, títulos, ilustrações e texto”.

No jornalismo moderno a apresentação gráfica dispõe de importância fundamental. Como o jornal se insere numa problemática industrial, figurando como produto de consumo popular e, portanto, sujeitando-se às leis do mercado, enfrenta concorrência e precisa utilizar recursos próprios para atrair consumidores. Ou seja, o jornal precisa motivar psicologicamente os leitores em potencial para levá-los à compra; e o faz, geralmente, através da apresentação gráfica (MELO, 1972, p. 100).

Segundo Collaro (2000, p. 160), a tendência dominante na mídia impressa atual que valoriza a diagramação atende um impulso de duplo sentido: “[...] o primeiro identificando o leitor com o progresso das artes gráficas; o segundo, valorizando o texto com o bom gosto da distribuição que enfatiza o trabalho jornalístico”.

Alguns elementos gráficos como a fotografia servem como um elemento essencial para facilitar a compreensão dos leitores acerca do que é publicado. White (1974, p. 98 apud HERNANDES, 2006, p. 215) enfatiza a importância da fotografia no veículo impresso:

Retratos atraem o olho, ganham a atenção, incitam à curiosidade. Retratos fazem o leitor ser receptivo à informação. Pessoas resistem ao esforço de ler: isso significa trabalho. Mas elas parecem não prestar atenção a isso quando olham retratos. Então, quanto mais informação puder ser acondicionada sem usar palavras, melhor. Retratos, ao substituir a descrição verbal por imagem é visual, ajudam a diminuir o percurso do processo de leitura.

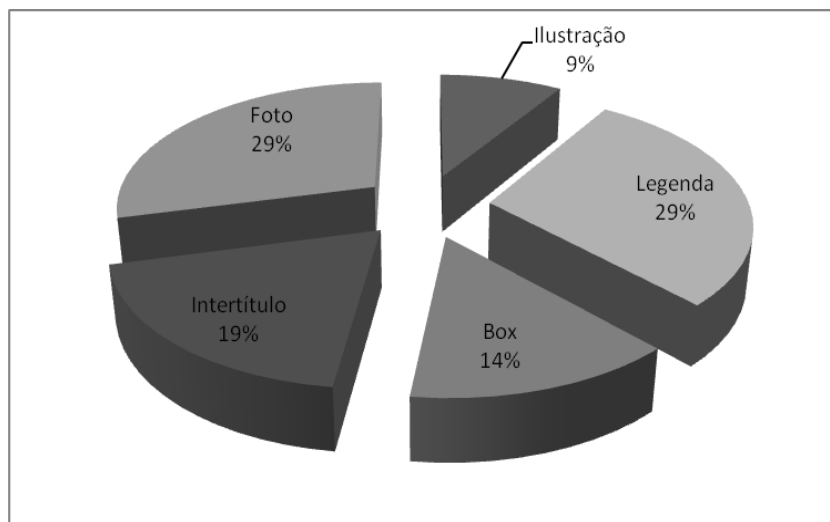
A diagramação também facilita a leitura dos veículos impressos. O CB adota a modulação da matéria. Essa disposição é considerada o melhor caminho a seguir, pois o contraste provocado por matérias dispostas horizontal e verticalmente dinamiza o conjunto, acarretando um inconsciente estímulo à leitura (COLLARO, 2000, p. 170).

Lustosa (1996) destaca que o texto específico apresenta uma linguagem ou uma codificação que atende a determinados objetivos mais definidos, como as legendas de fotografias, os textos-legendas, a chamada de primeira página, os títulos e o box. Quanto à fotografia o pesquisador enfatiza:

O discurso da fotografia passou a ser tão importante que os veículos de comunicação de massas deixaram de registrar os profissionais contratados apenas como fotógrafos e passaram a ter em seus quadros repórteres fotográficos, na condição de jornalistas conforme até mesmo ficou definido na lei que regulamenta a profissão (LUSTOSA, 1996, p. 158).

Analisando a morfologia do CB, verificamos que a fotografia é o recurso mais utilizado pelo veículo para auxiliar na explicação e interpretação dos fatos noticiados. Seguida da utilização de legendas e textos-legendas, bem como de intertítulos.

Gráfico 5 – Análise morfológica dos textos



Considerações

Em nossa análise verifica-se que o tema é mais veiculado no caderno Cidades. Entretanto, foi abordado em outras editorias como Mundo e Brasil. Atendendo a uma tendência dominante na mídia, o CB valoriza a notícia por meio de recursos de diagramação. Quanto ao estilo adotado, o veículo adota a modulação da matéria. Tal disposição é valorizada porque o contraste provocado por matérias dispostas horizontal e verticalmente dinamiza o conjunto dos textos e imagens. Analisando a composição gráfica do CB, verificamos também que a fotografia é o recurso mais utilizado pelo veículo para auxiliar na explicação e interpretação dos fatos noticiados em relação a outros recursos observados, como ilustração, box, olho, foto e legenda.

Sendo o discurso de informação uma das bases da democracia, constata-se que o CB pode contribuir sobremaneira no alerta à sociedade, na cobrança às autoridades e na divulgação de informações que esclareçam as múltiplas dimensões do ASCA.

Referências

BAHIA, Juarez. **História da Imprensa brasileira**: jornal, história e técnica. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. V. 1.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOX. In: ALMEIDA, Mauro. **Dicionário técnico da Comunicação**. Belo Horizonte: Tracbel, 1987. p. 42. Verbete.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 26 nov. 2010.

CHAMADA DE CAPA. In: ALMEIDA, Mauro. **Dicionário técnico da Comunicação**. Belo Horizonte: Tracbel, 1987. p. 63. Verbete.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLARO, Antônio Celso. **Projeto Gráfico**. Teoria e prática da diagramação. São Paulo: Summus, 2000.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: UnB, 1996.

MACHADO, Liliane Maria Macedo. **E a mídia criou a mulher**: como a TV e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero. 2006. 242f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

MELO, José Marques de. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

NOTÍCIA. In: ALMEIDA, Mauro. **Dicionário técnico da Comunicação**. Belo Horizonte: Tracbel, 1987. p. 207. Verbete.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

SANDERSON, Christiane. **Abuso sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais. São Paulo: M. Books, 2005.

SILVA, Luiz Martins da. **Imprensa e cidadania**: possibilidades e contradições. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. UnB: Brasília, 2002, p. 50.

SQUARISI, Dad. **Manual de Redação e Estilo**. [Brasília]: Grupo Diários Associados, 2005.

VIVARTA et al., Veet. **O grito dos inocentes**: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes. São Paulo: Cortez, 2003.